

**Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Departamento de Artes Cênicas**

Gustavo Luiz Panoni Oliveira

**Trocando Figurinhas: Reflexões sobre a mediação cultural como espaço de
troca de informações e experiências de vida**

São Paulo
2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

Monografia de conclusão de curso aprovada pela

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Lúcia de Souza Barros Pupo
Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Suzana Schmidt Viganó
Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Andrea Alexandra do Amaral Silva e Biella
Universidade de São Paulo

SÃO PAULO
NOVEMBRO DE 2023

Dedico esse trabalho a mim mesmo, só eu sei o que passei até aqui. Agradeço à professora Malu e Verônica, por serem exemplos vivos da potência que uma licenciatura traz à vida de uma pessoa. Agradeço também à minha família que sempre ocupou o lugar mais importante da minha trajetória. Dedico ainda, de maneira especial, ao meu amigo João Pedro. Obrigado João, pelos papos, pelas *calls* e principalmente, pela troca.

RESUMO

Este texto busca expor as reflexões do autor a partir da experiência de estágio em mediação cultural, no Programa Educativo do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) em São Paulo. Para isso foi separado em dois eixos, sendo o primeiro focado no processo de troca de informações e seu impacto no aprendizado, tanto artisticamente quanto pedagogicamente, entre educadores em formação. E o segundo que explora o papel da memória afetiva gerada por essa experiência e como ela contribui para a consolidação do aprendizado ao longo da vida.

Palavras-chave: estágio; formação; CCBB; memória

ABSTRACT

This text seeks to expose the author's reflections based on his internship experience in cultural mediation, in the Educational Program of the Centro Cultural Banco do Brasil in São Paulo. To achieve this, it was separated into two axes, the first being focused on the process of exchanging information and its impact on learning, both artistically and pedagogically, among educators in training. And the second explores the role of affective memory generated by this experience and how it contributes to the consolidation of lifelong learning.

Keywords: internship; training; CCBB; memory

RESUMO.....	4
ABSTRACT.....	5
Numa realidade derretida, uma fagulha de esperança.....	9
Mediação como provocação.....	10
Explanando um pouco mais.....	11
Trazendo os pontos.....	13
Eixo 1: Troca.....	15
Episódio 1: Troca como ferramenta de base e criação de levante.....	18
Episódio 2: Trocas, crianças, concentração e adaptação.....	23
Episódio 3: Dinâmica, jogo e personagem.....	27
Interlúdio: Sometimes antisocial, always antifascist.....	30
Eixo 2: Memória.....	31
Episódio 4: Enxergar para além dos olhos.....	31
Episódio 5: Isso me lembra... vinhos!.....	34
Episódio 6: Se olhem e percebam a magia.....	37
Episódio 7: Amor.....	39
Episódio 8: Passado.....	41
Epílogo: formação e transformação.....	43
Referências.....	46

“Do fundo do meu coração
Do mais profundo canto em meu interior,
Pro mundo em decomposição
Escrevo como quem manda cartas de amor”
“**Cananéia, Iguape e Ilha Comprida**”, canção de Emicida.

Numa realidade derretida, uma fagulha de esperança

Este ensaio é sobre um percurso. Aqui, sinto que falo de alguns cenários da vida que atravessei para desaguar nos episódios retratados aqui. É o resultado de muitas reflexões da minha primeira experiência como mediador cultural e como isso se relacionou com as facetas da minha vida artística, pedagógica e pessoal. Nesse texto, a grosso modo, reflito sobre minha experiência dentro do Programa CCBB Educativo do Centro Cultural do Banco do Brasil em São Paulo.

Precisei mudar de rota algumas vezes, fui e voltei, mas diante disso, percebo cada tijolo que construí em uma muralha de formação. Além disso, esse é um ensaio sobre a troca como agente de transformação. Seja na vida acadêmica, pedagógica, artística ou pessoal.

Iniciei minha jornada universitária com um intuito de melhorar minha vida através do conhecimento. Sentia uma vontade de buscar, de aprender. Hoje, através de uma visão mais amadurecida, vejo que tenho muitas críticas a esse modelo de ensino que nos cerca hoje em dia. Vejo ainda, que movido por esse sentimento de revolta, guiei todo o meu pensamento ao realizar essa pesquisa. Pela ótica do levante, do rompimento de bolhas aristocráticas, pelo anseio da desconstrução do pensamento elitista que assombra a arte, através da educação e, de alguma forma, da inspiração. Acredito que a arte e educação devem ser de fato, democráticas.

Ironicamente, a experiência que deu origem a esse texto vem de um núcleo que em muitos aspectos torna a arte e a educação reféns de uma anacrônica e burocrática forma de ligar arte e sociedade. Mas felizmente, é nessa linha de frente que a pesquisa operou. Sinto ainda, que os fatos que pretendo explicar a seguir mostram que o verdadeiro sentido da arte-educação mora na troca.

Seja na troca de informações, na troca de carinho ou na troca de experiências. Trocar é o equilíbrio perfeito entre pensar em si e pensar no outro. É a condutora no fator empático que a arte-educação evoca.

À medida que as experiências aconteciam, pude ver uma possibilidade múltipla de resultados e interesses. Tudo tinha um aroma especial. Entretanto, sentia que havia um fator importante, um “Elemento X” que ligaria todos os fatores observados, mas que por ventura e justificado nele mesmo, eu tentei deixar de lado. Tentarei conduzir

todo esse texto trazendo esse “Elemento X” de forma sutil sem perder sua relevância e poesia.

Sempre acreditei que as coisas acontecem com um motivo e que desse motivo podem se traçar rotas, cenários e reflexões diferentes para o amadurecimento do ser. O destino é o alimento da alma. Mas quando me refiro a esse Elemento, sinto que me coloco oposto a essa crença, dando um gosto duplo nessas minhas convicções e vislumbres. Acontece que, diante do que prevejo que será esse texto, preciso colocar evidente a minha relação ambígua e agri-doce com as relações interpessoais. Me vejo como ser humano de bateria social muito sobrecarregada e muitas vezes coloco em cheque a minha capacidade de interagir e trocar com outras pessoas. Seja por sintomas de saúde mental, excesso de presente, passado e futuro, ou seja por elementos sociopolíticos de uma realidade derretida e em constante reconstrução. Sinto que caminho em destroços de muitos parâmetros da minha vida e o que trago aqui são reflexões diretas desse sentimento ora doce, ora azedo. O “Elemento X” deste texto é a relação de uma pseudo corrosão vital com a relação interpessoal que interfere no processo artístico e pedagógico. Há também nesse gosto, um teor de revolta, uma referência ao “estourar bolhas” que a relação da mediação pode oferecer. Ampliar as pontes entre a arte e o povo, trocar figurinhas, implodir o sistema. Tudo isso.

Este ensaio é um desabafo.

Mediação como provocação

Para conduzir melhor o texto, é preciso atravessar alguns caminhos importantes que ajudam a interligar os principais temas da pesquisa. Preciso falar sobre os conceitos da mediação cultural e museologia, também arte e educação. Expor os episódios analisados que mais fizeram sentido com a temática, dando uma breve reflexão e estabelecer as conclusões.

A mediação cultural funciona como uma ponte que conecta as diferentes expressões artísticas, promovendo a compreensão e a interação entre as pessoas ou visitantes daquela arte, assim como a potencialização do senso crítico através da experiência. Ela facilita não apenas a troca de ideias, valores e tradições, mas também supera as barreiras e as bolhas culturais. Um mediador/educador pode atuar como um tradutor, intérprete, condutor no caminho dessa ponte.

Para tal, é essencial ter sempre as provocações do público para que o caldo da experiência artística possa engrossar. Elas podem vir através de perguntas que buscam ir além da explicação da arte, como podem ser atividades lúdicas, performáticas ou técnicas também.

“É preferível fazer perguntas que não se dirigem apenas à leitura da obra observada, mas ao entendimento de questões de arte. A função da pergunta é levar a pensar, estimular associações e interpretações.” (BARBOSA, 2009 p. 20)

O principal objetivo da mediação é provocar. Interpretações, reações, emoções, memórias, aprendizados...

Dentro de um programa educativo, mais especificamente esse que se refere, a mediação vai além e também oferece outras atividades, fazendo do mediador um educador multitarefas, ampliando sua rede de aprendizagem.

Tendo isso em mente, vamos em frente no texto.

Explanando um pouco mais

Como metodologia, iniciei pelas entrevistas e observações das atividades propostas dentro do CCBB, partindo do meu ponto de vista como mediador-estagiário, para tentar entender qual a relação do processo de formação dos estagiários com a ação de mediar dentro do centro cultural. Meus objetivos eram investigar como acontece naturalmente a partilha de conhecimento nas experiências de formação e em quais aspectos ela potencializa a mediação, acrescer os estudos e discussões sobre mediação cultural dentro do setor dos museus e centros culturais no Brasil; discutir sobre a importância da mediação cultural e suas esferas dentro do sistema de ensino informal; acentuar as vivências de formação dos estagiários da área das artes e educação.

Não é de hoje que os equipamentos de cultura se reinventam para garantir a preservação da arte e história nos museus e centros culturais, assim como reforçar a esfera educacional. Atualmente no Brasil, a área da mediação cultural ganhou mais espaço e se estabeleceu como pilar importante do ensino não-formal na construção de uma sociedade com acesso a uma educação mais digna e dinâmica. No estado de São Paulo, o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) se estabelece no centro histórico da capital. Dentro do prédio de 122 anos de existência e aberto

ao público há 22 anos, os andares se dividem em galerias de exposição de arte, cinema e teatro. Além de um auditório para palestras e um café.

O CCBB ainda conta com as ações do Programa CCBB Educativo - idealizado na época pela Sapoti Projetos Culturais, empresa responsável pela equipe e atividades educativas que consistem em visitas mediadas, contação de histórias, ações cênicas, leitura de livros, atividades lúdico sensoriais para crianças, seminários de formação e palestras. Dentro do programa os estagiários de artes formulam atividades a partir do tema das exposições e com a coordenação do Programa, colocam em prática suas ações.

Sob essas circunstâncias, o Programa conta com o trabalho criativo de uma equipe de estudantes de arte, nas áreas das cênicas, visuais e música, que desempenham papel de estagiários em arte-educação e mediação cultural, pensando em atividades lúdicas e pedagógicas para trabalhar com um público diversificado.

Dentro desse ambiente, pude me relacionar com uma grande variedade de pessoas que me trouxeram histórias, vivências e trocas que ajudaram a moldar o resultado de minha pesquisa.

Tentei alinhar com a busca das relações da troca de informações entre os estagiários para refinar seu processo de mediação, para com isso, provocar histórias e episódios de troca entre mediador e mediado. Com isso, senti que apesar de muitas mudanças de percurso, a rota parecia certa. Tudo coincidia com o que eu esperava relatar.

Espero neste texto, expor de forma lúdica os episódios interessantes que a experiência como mediador me trouxe e como isso me moldou (e também os outros estagiários) como profissional da educação, e também como artista.

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto direto – alguma coisa – e um objeto indireto – a alguém. (FREIRE, 1997, p. 23)



em mediação na exposição “Marc Chagall: Sonho de Amor”. Foto: Henry Castelli

Trazendo os pontos

Começo ressaltando que antes do estágio no CCBB, nunca experienciei mediação, mas nas primeiras práticas, pude perceber que na verdade, o que me motivava a entrar para a graduação era de fato a mediação. Como se estivesse dentro de mim o tempo todo sem se revelar. Mas é claro que os desafios eram grandes. Falar de arte sob o ponto de vista da educação para um público diverso que mudava a cada dia é sempre desafiador.

É válido ressaltar ainda, que as atividades de mediação do Programa Educativo não se resumiram apenas às visitas pelas exposições de arte, mas também com atividades lúdico-pedagógicas apresentadas ao público com interligação aos temas de cada exposição.

Para apresentar meu ponto, pretendo esmiuçar aqui os episódios anotados no meu diário de bordo (tomando licença poética à palavra “diário” pois não era escrito diariamente) e também os relatos recolhidos em entrevistas com meus colegas de

equipe. Cada ponto trazido por eles pode dar um outro tom à mesma narrativa que pretendi investigar: a troca de informações como ferramenta de aprendizado.

Então, seguindo a vasta dimensão dos episódios, você lerá histórias, reflexões, anotações e observações que aconteceram durante todo meu tempo de trabalho no CCBB, sendo esse interligado pelas exposições:

- “*A Tensão*”: Leandro Erlich - com curadoria de Marcello Dantas, em cartaz de 13/04/2022 a 20/06/2022;
- “*Movimento Armorial 50 Anos*” - curadoria de Denise Mattar e consultoria de Manuel Dantas e Suassuna, em cartaz de 20/07/2022 a 27/09/2022
- “*Playmode*” - curadoria de Patrícia Gouveia e Filipe Pais, em cartaz de 25/10/2022 a 09/01/2023;
- “*Marc Chagall - Sonho de Amor*” - curadoria de Lola Durán Úcar, em cartaz de 01/02/2023 a 10/04/2023;
- “*DRIFT: Vida em Coisas*” - curadoria de Alfons Hug e Marcello Dantas, em cartaz de 14/06/2023 a 07/08/2023;
- Período Patrimonial, em que se destaca a história e arquitetura do prédio do CCBB e do centro histórico de São Paulo, acontecendo entre as exposições em cartaz, suportando as desmontagens e montagens de cada uma.

Embora colocadas aqui em ordem cronológica, ressalto que não pretendo conduzir o texto necessariamente com a mesma estratégia. Busco trazer as reflexões e os episódios de maneira instintiva, tentando elucidar a troca de maneira fluida.

Eixo 1: Troca



Em dinâmica original criada em mediação na exposição “Marc Chagall: Sonho de Amor”. Acervo pessoal

A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ou não ser erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças (HOOKS, 2013. p.174)

Comecei meu trabalho no Educativo em maio de 2022, quase no início do período vigente da empresa Sapoti no Programa. Estava na metade de uma das exposições de maior público do CCBB, “A Tensão” com obras do artista visual contemporâneo Leandro Erlich.

Erlich me trouxe como desafio algo que é muito evidente atualmente. Sua arte busca trabalhar cenas e objetos do cotidiano e torná-los extraordinários através da ilusão de ótica, sempre realçando a atmosfera da dúvida. Uma de suas obras mais populares, “*Swimming Pool*” de 1999 era a cereja do bolo da exposição. Uma falsa piscina instalada na rotunda do prédio histórico onde as pessoas podiam acessar tanto o *deck* em cima quanto a parte interna da piscina, trazendo através do jogo de luz, vidro e água, a falsa sensação de estar submerso.

Além de outros trabalhos que desafiam a lógica espacial e abusam da ilusão de ótica, destaco aqui também um trabalho que faz *link* com o assunto do texto. A obra

“Classroom” de 2007, trazendo uma releitura de uma outra obra de Erlich (*Le Cabinet du Psychanalyste*) busca remontar uma projeção de uma sala de aula onde o visitante se vê (através de um falso reflexo) dentro de um modelo de sala de aula de Pequim, na China da década de 1980.



Classroom, 2017 - foto de reprodução do catálogo da exposição

A exposição das obras de Erlich remete a um estilo de exposição cada vez mais popular na atualidade: as exposições “instagramáveis”¹. Não só pelo fato de consistir em obras conceituais e contemporâneas, mas pela experiência altamente interativa e de forma bem humorada que as obras oferecem. Confesso que por mais que ache de fato fabulosas as obras do universo o qual Erlich pertence, existe um lado em mim que tem uma certa repulsa desse tipo de exposição. Há outras ainda que ousam mais, lucram com as ditas “experiências imersivas” em que montam salas com mega projeções de obras clássicas. Enfim, são muitas camadas para aprofundar e não vai ser aqui que faremos, mas o que gostaria de ressaltar é o tipo de desafio educacional que essas exposições geram. Muitas vezes o público só busca entrar no centro cultural para tirar fotos, fazer *story* e postar na internet com a *hashtag* “eu fui” ou então “amo arte”. Há um certo esvaziamento de sentido e isso afeta de alguma forma o setor educativo do determinado centro cultural. Muitas vezes os educadores podem se ver apenas como monitores de uma obra, já que os visitantes podem dar de ombros quando acontece uma visita mediada pela exposição.

¹ Instagramável é um neologismo que provém da nova relação da sociedade com o aplicativo de fotos Instagram. Diz de algo que segue uma atmosfera estética, plástica e de profunda estesia que possa gerar engajamento nas redes.

Por outro lado, essa é ainda apenas uma parcela do público, e devido às condições atuais da sociedade, isso ainda é de certa forma aceitável, uma vez que ainda existem os visitantes interessados em se aprofundar no assunto e experienciar a contemporaneidade por completo. Há por exemplo, o público que entra numa obra como *Classroom* pela brincadeira de se ver refletido na ilusão e antes mesmo da ativação terminar, já fez suas fotos e se vê satisfeito. Mas há também o público que embarca em uma das discussões que a obra oferece: as condições precárias da educação.

Sobre isso, me lembro de uma observação feita nas minhas primeiras visitas nessa exposição, com grupos escolares. O público tem acesso (por um tempo cronometrado) a uma sala escura com os cubos pretos dispostos e somente depois de ativada é que a obra revela a sala de aula precária, aos pedaços, lembrando uma cena de filme de apocalipse zumbi.

Dentro da brincadeira da obra, trouxe provocações simples ao visitante para estimular a leitura e interação (em pouco tempo de ativação): frases como “que tipo de sensação isso causa?”, “lembra algo que já tenham visto?”, “já estiveram em um lugar assim?”. Muitos grupos que vem de escola pública ainda exclamavam frases como “parece que passou um furacão” ou ainda “parece a minha sala”. Quando eu indagava: “Você gostaria de estudar numa sala de aula assim?” eles prontamente respondiam: “não”.

Muitas vezes a identificação e associação com sua própria realidade aconteciam. Um modelo de sala de aula de um país oriental de uma década muito anterior à vida escolar daqueles alunos ainda gerava identificação com ela. E associado a isso, um desejo de repulsa àquela realidade identificada.

Por outro lado, quando feita essa mesma dinâmica com alunos de escolas privadas, a identificação não ocorria. Raramente ocorria alguma reação que reconhecesse a realidade de algumas escolas parecidas com a obra. Esse é um episódio que exemplifica a capacidade de mapeamento crítico e social que a mediação tem.

São situações assim que normalmente acontecem no dia a dia de um mediador cultural ou educador que tenha compromisso social e pedagógico.

Diante dessa realidade, o educador precisa ter estratégias para vivenciar a pluralidade de visitantes de maneira horizontal. E é nesse sentido que também mora a troca de informações entre a equipe.

No início da minha experiência, então, na exposição “A Tensão”, observei muito meus colegas trabalhando para poder entender qual era o tipo de mediação que o Programa Educativo propunha. Entre os primeiros observados está Enzo (nome fictício), quem pude trocar ideias para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Episódio 1: Troca como ferramenta de base e criação de levante

A princípio², o que Enzo relata é que a troca de ideias é essencial para o embasamento de um bom trabalho como mediador.

Ele me conta com a tranquilidade que a nossa amizade construiu que a importância de bater papo sobre o trabalho e o conteúdo do estudo ajudam a construir a ponte essencial da mediação. Existem elementos fundamentais que o ato de trocar ideias proporciona principalmente a um estagiário de arte que ainda está em formação. É o mesmo papel de um grupo de estudos que cria debate de ideias e observações com um objetivo em comum.

A conversa é a arte da imprevisibilidade e, ao compartilharmos nossas experiências e “histórias-memórias”, nos misturamos com o Outro, tornando-o parceiro na narrativa do mundo (...) a conversa é rizomática e nos diversos fios conectados encontramos nossa subjetividade, misturada na indissociação; experiência-narrativa-diálogo. Narrar, portanto, é uma possibilidade de “(com)partilhar” experiências e as experiências-acontecimentos, ao serem narradas, se envolvem numa relação íntima entre interlocutor-ouvinte, produzindo saberes, tecidos nas/em (com)partilhas (SERPA apud COSTA, 2021)

Quando provoco Enzo sobre o tema da troca, ele me relata episódios muito claros em sua memória de processos de conversa que acabaram virando fontes de conhecimento e também de amizade. O primeiro episódio que ele me traz faz parte do primeiro Período Patrimonial que participou ainda no começo do Programa Educativo, em que trocar era ferramenta de estudo para estruturar melhor um roteiro de visita. Conferindo dados, absorvendo conhecimento do outro, pensando em estratégias para uma mediação mais atraente. Houve também um certo sabor

² Coloco em fonte diferenciada as falas dos entrevistados *ipsis litteris*. Também ressalto que os nomes verdadeiros dos entrevistados foram mantidos em sigilo, substituídos por nomes fictícios.

nostálgico. A cena ficou fixa na memória de Enzo e lembrá-la tinha um certo sabor de amizade. De um momento onde todos da equipe estavam se conhecendo ainda, mas se ajudando para um trabalho eficiente e um desenvolvimento artístico e pedagógico. Em suas palavras, o trecho da conversa:

“Eu concordo muito com essa questão das trocas e das conversas nas mediações. Se não é tudo, é muita coisa. É uma grande parte da mediação. Me lembro de dois momentos, um do Patrimonial em que a gente se sentia muito perdido, sem saber direito das coisas histórias e como fazer dessa visita algo mais interessante. Lembro que a gente sentou e começou a trocar ideia sobre o que era o Patrimonial, uns falaram umas coisas, outros outras, eu outras e a gente foi trocando mesmo. Uma trouxe uns dados, outra trouxe outras datas... Esse dia foi um marco pra mim sobre a visita patrimonial. Antes daquele dia eu estava super perdido e depois desse dia fluíram muito minhas visitas. Praticamente senti que eu estava dominando e foi muito louco que isso aconteceu depois de uma conversa, que me fez ter segurança, me fez ter curiosidade para poder aproximar mais o público. Fazer da visita uma coisa mais dinâmica passa por isso né?

Dessa conversa ainda surgiu um relato interessante de como a troca surge pelo acaso, quando provocada por um simples gesto de empatia, vindo dessa maneira por Enzo ao cruzar com um funcionário da galeria. Muitas vezes, as pessoas parecem invisíveis, inexistentes. Olhamos aquele funcionário da segurança ou ascensorista de elevador pelos cômodos dos museus e não os enxergamos como pessoas, mas como cones, totens de serviço que estão ali apenas para servir. É uma atitude da sociedade contemporânea que reduz a relação interpessoal a zero. Enraizada pela selvageria capitalista de enxergar o ser humano apenas como funcional.

Mas naquele dia, um simples “bom dia” trouxe mais uma memória de como qualquer ser humano tem sua bagagem de sabedoria. Enzo narrou para mim um dia que entrou numa galeria para estudar uma obra que estava no início da exposição e se

deparou com uma funcionária do museu em seu local de trabalho, e só de cumprimentá-la surgiu uma pequena conversa, onde ela trouxe um comentário sobre a obra. Ele segue:

Outra coisa que me lembro é de quando começou a exposição e eu entrava nas galerias para estudar as obras. Uma vez entrei e cumprimentei um funcionário e ela acabou comentando sobre seu trabalho. Como várias pessoas entravam lá e nem cumprimentavam... Aí eu lembro que por conta de eu ter falado isso, ela também me falou uma outra coisa sobre a obra "essa obra é tal coisa"... ela mostrou um conhecimento que ela tinha sobre a obra, não lembro exatamente o que foi agora, mas foi algo que eu levei pra minha visita também. Fiquei pensando "Caramba! Só o fato de eu dar bom dia pra uma pessoa já gerou além de uma conexão que já é importante, ela também me deu outras informações sobre as obras.

Uma troca de figurinhas. Eu te dou um gesto de educação, você me dá um conhecimento. O acaso operando como agente da mediação, a mediação operando como agente de transformação.

Ainda questioneei para Enzo, se ele se sentia contemplado artisticamente quando se debruçava sobre seu tempo de mediador no Programa. Sua área artística era a música e apesar do desafio do trabalho multidisciplinar que ocorria no programa, encontrou um terreno de crescimento artístico que também era múltiplo. Atuou em Ações Cênicas, contação de histórias, e ainda encontrou na experiência do Programa uma oportunidade de desenvolver uma oficina como projeto de conclusão de curso que envolvia o desenvolvimento rítmico dos visitantes.

Como artista em formação acadêmica, uma experiência de estágio em mediação como essa age como formador de pilares ou de bagagem para o aprendizado horizontalizado. Um estudante de música troca ideias com um estudante de artes cênicas ou visuais para a criação de uma atividade e com isso aprende algum fator importante da área irmã. Ganha uma nova figurinha. Adiciona mais uma insígnia de

conhecimento em seu colete e pode se descobrir em outras *skins*³. Enzo me relata que pode se descobrir com potencial para atuação, bem como sua desenvoltura nas atividades musicais.

Nas minhas primeiras observações do Programa, justamente assistindo uma visita mediada de Enzo pela exposição “A Tensão”, reparei em uma ação pensada por ele que adotei para meu percurso de visita. O fato das obras da exposição fazerem parte da vivência contemporânea e conceitual, gera uma questão sociopolítica na cabeça de quem trabalha com arte que é interessante dividir como provocação ao público visitante. Todas essas instalações da arte conceitual são assinadas por um artista, mas quem produz, projeta, transporta e monta essas obras não é necessariamente esse artista. Existe uma equipe por trás que faz esse trabalho direta e indiretamente. Então, por que uma obra como “*Swimming Pool*” deve ser assinada apenas como de Leandro Erlich? Uma resposta possível que Enzo trouxe para os visitantes em seu percurso era de que, diferente por exemplo, da “*Monalisa*” de Da Vinci - uma obra fechada, clássica, existente apenas em uma tela que está presa em Paris - a proposta da arte conceitual é fundamentar uma ideia, que incentiva as reflexões em quem a assiste. Então, é possível criar a partir dessa ideia, várias estruturas diferentes que abrigam originalmente a ideia, mas podem veicular de forma plural. É no mínimo provocador pensar na definição da arte conceitual ao se relacionar com quem faz de fato a arte: o artista ou o operário da arte? O artista pensa, o operário da arte constrói, o visitante frui. Mas essa arte é para quem? Quem consome essa arte?

Enzo me disse que ao trazer essas questões, muitos visitantes ficavam pensativos. Como se acendessem um alerta de reflexão em suas cabeças. E tudo bem, afinal, algumas perguntas na arte não precisam necessariamente de uma resposta. Elas bastam em existir.

Quando assisti essa provocação que Enzo fez em seu percurso, absorvi esse conhecimento e decidi que iria trazer no futuro provocações que indagassem o público a pensar o acesso democrático da arte. Era mais uma figurinha que eu adquirira dos meus colegas. E minha intenção sempre foi de problematizar a elitização da arte. Eu questionava os visitantes de que maneira eles consumiam

³ Skins, vindo do inglês “skin” que significa “pele”. Em contexto informal, no mundo do videogame, “skin” é uma roupa, uniforme, versão diferente do avatar/personagem.

arte. Muitos me diziam que amavam exposições e traziam termos específicos da arte-frescura⁴. Mas eu também deixava claro que era preciso desmistificar essa ideia de que arte é algo inatingível, abstrato demais para os “pouco pensantes” ou para os leigos. A arte é e deve ser sempre democrática. Afinal, nós consumimos arte sem perceber. Ouvimos música, assistimos filmes, séries, novelas, lemos livros, gibis etc. Nós consumimos arte de todas as formas, de todos os lados e que essa ideia de que existe uma arte banal e uma arte superior é pífia. Só serve para alimentar o pensamento elitista da arte como artigo de luxo, raro, condensador da bolha aristocrática. É através da conversa, da troca, que podemos quebrar essas bolhas e aproximar as pessoas daquilo que elas têm direito. É válido ainda ressaltar que esse conhecimento sobre arte conceitual que Enzo me trouxe, ele adquiriu de uma conversa com outras educadoras. Uma cascata de informações.



Em mediação na exposição “Marc Chagall - Sonho de Amor” (veiculação Sapoti Projetos Culturais)

⁴ Arte como “nariz em pé”, arrogante, prepotente. Elemento rebuscado somente para mostrar superioridade.

Episódio 2: Trocas, crianças, concentração e adaptação.

Estagiei no Programa pouco mais de um ano e nesse período, houve muitas reestruturações. Muitos estagiários foram para outros rumos e entraram novos. Chegou a época em que me tornei o estagiário mais antigo da casa e senti que muitas vezes chegava a passar minha experiência aos mais novos.

Quando conversei com Regina (nome fictício) ficou claro como o ato de trocar ideias pode ajudar a acalmar os ânimos da ansiedade no dia a dia (muitas vezes) caótico da mediação. Existem muitos tipos de visitantes, cada um na sua realidade, vindos de diferentes tipos de experiências.

Ela me relata que conversar com os outros educadores e mediadores sobre o dia a dia ajudava a entender melhor a dinâmica do Programa e que também era interessante compartilhar estratégias que driblassem os desafios desse cotidiano.

Regina me conta que a leitura de livros e contação de histórias estavam dentro de suas atividades favoritas no Programa. Atividades estas que são direcionadas (não exclusivamente) ao público infantil. Em suas palavras:

“Então eu entendo que em cada atividade, cada público, existe uma dinâmica diferente que a gente tem que se adaptar. Essa questão das conversas foi algo muito legal que me ajudou. Essas situações assim, principalmente quando a gente tá lidando com um grupo grande de crianças, cada um tem um perfil e personalidade diferente, ou pessoas com deficiências, pessoas autistas que não conseguiam prestar muita atenção e às vezes não conseguem se atentar às regras do museu e aí como lidar com isso e conseguir continuar com o resto do grupo?”

Algo que a experiência não só com mediação - mas com a vida - me trouxe, ao me relacionar diretamente com crianças, por exemplo, é de que não há fórmula mágica ou receita certa. Cada criança tem seu universo e que talvez o caminho mais próspero é o de vibrar na frequência dela. Jogar o jogo dela, falar sua língua. E a maneira mais fácil disso é procurar em si mesmo a própria espontaneidade. Crianças são sempre sinceras e se a sua criança interior puder aflorar, o diálogo e a troca serão sempre mais fáceis. Não estou com isso fazendo defesa do uso do

“tatibitati”⁵, pois acredito que o melhor jeito de se aproximar do universo da criança é agindo com franqueza e respeito. Não existe criança boba.

Por anos eu trabalhei com crianças em seu habitat natural: as festas de aniversário em *buffets* infantis. Essa bagagem de vida me trouxe uma facilidade que muitas vezes nem eu acredito que tenho. Sinto que, naturalmente, tento mostrar às crianças que eu sou um adulto que ainda se lembra como é ser criança e que isso me impulsiona a uma empatia que potencializa a minha relação de trabalho com elas.

Em breve relato, durante a exposição “50 anos de Movimento Armorial”, projetei uma contação de histórias baseada no romance do Pavão Misterioso, um cordel muito popular na cultura brasileira, mais precisamente na nordestina. Decidi contar a história num estilo repentista, apenas um ator narrando a história com suas rimas e métricas. Usava alguns objetos como artifício como um lenço colorido, um óculos de soldador e em especial um leque preso a um tecido estampado de arco-íris que representava a nave pavão do conto. Toda essa atividade lúdica aguçava muito a curiosidade das crianças. “Invasão de palco” para tentar se relacionar com os objetos era algo recorrente. Comentários aleatórios ou até mesmo atitudes desafiadoras que colocavam a fantasia em cheque. Muitos são os exemplos da espontaneidade das crianças.

O trabalho do jogo, como o da arte, se situa entre o subjetivo e o objetivo, a fantasia e a realidade, o interior e o exterior, a expressão e a comunicação. O lugar em que se situa a experiência cultural é o espaço potencial entre o indivíduo e seu meio. Pode-se dizer o mesmo do jogo. A experiência cultural começa com um modo de vida criativo que se manifesta primeiro no jogo. (RYNGAERT, 2009, p.41)

Estar ali como ator ou contador de histórias é estar ali como jogador, não só como jogador do movimento teatral, mas como jogador com o acaso. Tudo pode acontecer quando se relaciona com essa espontaneidade infantil, mas assumir o jogo de cintura e devolver esse desafio de forma sincera e também espontânea, gera na criança uma sensação de identificação. Logo, você estabelece uma relação

⁵ Linguagem muitas vezes infantilizada, baseada na troca de consoantes de uma palavra. Também é conhecido como “mamanhês”

de confiança e a brincadeira flui melhor. Esse jogo de cintura com a criança desenvolve no educador a habilidade de adaptação. Regina traz em nosso bate-papo:

Essas conversas também me ajudaram a saber como lidar, ter dinâmicas ou recursos em específico. Por exemplo, vamos andar todos em trem agora, ou toda vez que formos conversar a gente dá as mãos, faz uma roda e senta, faz exercícios de respirar. Você me ensinou isso do exercício de respirar e às vezes eu faço quando eu percebo que o grupo tá muito agitado ou em obras específicas que acho que isso se alinha. Nesse final da experiência eu sinto que tenho mais facilidade em me adaptar.

O exercício de respiração a qual Regina se refere, é simplesmente uma maneira de canalizar a energia da criança para trazer o foco e a concentração. Mas em uma obra em específico da exposição “*DRIFT: Vida em Coisas*”, a “*Amplitude*” (2015), os artistas propõem uma instalação de tubos de vidro articuláveis enfileirados pelo espaço. Ativados por um mecanismo eletrônico de peso e contrapeso, os tubos se movem numa velocidade mínima constante, arqueando para cima e para baixo causando uma sensação assíncrona de ondulação. O conceito é referenciar o movimento universal infinito, um fator quântico de conexão com a natureza à qual os seres vivos estão inconscientemente ligados. No meu percurso de visita, ao abordar essa obra, eu fazia uma breve referência à curva de *Fibonacci* ou a “proporção áurea”, dando uma breve explicação sobre o conceito físico e em seguida fazendo o exercício clássico da preparação teatral: pés paralelos, corpo ereto, solto, olhos fechados, respirar fundo pelo nariz e soltar pela boca. Essa conexão com a obra era uma ótima estratégia para usar a fruição da obra como suporte para a calma e a concentração em um público agitado. Foi trocando essa experiência comigo que Regina encontrou um novo caminho.



Em mediação na obra “Amplitude” - DRIFT Studio, acervo pessoal.

Para quem já visitou o prédio do CCBB SP já deve ter reparado a conservação de algumas estruturas do prédio da época que ainda funcionava como agência bancária e salas comerciais. Um exemplo são as antigas portas que levavam às galerias, que hoje são apenas estruturas com maçanetas e dobradiças mas que permanecem trancadas. Regina me trouxe mais um exemplo da espontaneidade das crianças que no ápice de sua sincera curiosidade e totalmente justificada estranha uma porta falsa:

Acho a curiosidade das crianças de descobrir o prédio, explorar, querer entrar em lugares que às vezes não pode. Elas querem entrar em todas as portas que elas vêem. Essa curiosidade de entender o espaço, porque às vezes a gente vem dar a visita da exposição, mas elas querem saber de tudo, querem entender o lugar que a gente tá e pra que que serve. “Ah tem essa porta aqui, pra onde ela leva?”, “Se não tem nada lá dentro, por que ela tá aqui? Porque não tiram?” Já me fizeram várias vezes essas perguntas.



Contação de histórias com o romance do Pavão Misterioso, acervo pessoal

Um adulto ao caminhar por um espaço apenas caminha pelo espaço, enquanto uma criança, ao fazer o mesmo, explora todas as possibilidades que aquele cenário proporciona. A criança explora o mundo e experiencia a vida como numa grande aventura.

Episódio 3: Dinâmica, jogo e personagem

Quando sentei para conversar com minha parceira de cena Layla (nome fictício), ela me traz um relato da mediação que vai próximo ao ler-fazer-contextualizar (BARBOSA, 1998 p.34) que gera um terreno fértil para a fruição da arte, da experiência e da pedagogia.

Em nosso bate-papo ela conta pra mim como algumas dinâmicas pensadas durante as visitas realmente facilitam o aproveitamento do tempo e da experiência. Mais uma vez, essas figurinhas eram trocadas com outros educadores, um ajudando o outro, direta ou indiretamente.

Na exposição “Marc Chagall: Sonho de Amor”, por exemplo, existia uma obra bastante peculiar. Um auto retrato de Chagall, produzido pela técnica água-forte⁶ onde víamos o rosto do artista com um chapéu bastante diferente. Olhando de longe, dava a impressão de ser um personagem circense ou até mesmo uma senhorinha bem simpática. Mas ao analisar bastante de perto, o chapéu tinha vida. Casas, pessoas, instrumentos, pareciam povoar a cabeça do artista. Como se desse a intenção de uma imaginação fértil, cheia de sonhos.

Dessa obra surgiram duas dinâmicas diferentes pensadas e compartilhadas pelos educadores e estagiários. Uma simples de utilizar os dois pontos de observação para brincar com os detalhes do chapéu, e uma outra onde o educador vestia o espectador com um chapéu e perguntava qual era o sonho dele.

“Eu sinto que muitas coisas do Chagall eu pegava de alguém. Eu demorei pra criar dinâmicas. A dinâmica do Chapéu dos Sonhos do Chagall eu peguei de alguém, aquela que, não sei se era você que fazia, na água-forte do auto retrato do Chagall, ver de perto e ver de longe, isso também. Na do Drift, aquela de perguntar do que o celular é feito, peguei com você. Coisas com criança foi o que mais aprendi com as pessoas. A primeira visita que eu dei eu fiquei meio apavorada, mas aí conversando com as pessoas daqui eu fui melhorando. Hoje eu já me sinto mais segura e visita pra criança é a que eu mais gosto de dar. A primeira que eu dei eu cheguei a pensar “não é pra mim”, “o que estou fazendo em licenciatura?”, mas melhorou demais por conta do papo com as pessoas. Às vezes é uma coisa boba sabe? “leva folha sulfite e giz de cera pro final!” Isso muda tanto.”

Layla ainda ressaltava o aprendizado artístico como ponto desenvolvido pela experiência em mediação. Há também em seu relato, o mediador-jogador-personagem.

Quando em contato com o visitante, seja ele um espectador do percurso de visita ou platéia das ações cênicas e contações de histórias, o mediador precisa se colocar

⁶ Técnica de gravura feita em uma superfície de metal. O artista faz o desenho em ranhuras ou sulcos na superfície da chapa com uma ferramenta chamada “buril”, produzindo uma matriz.

em estado de alerta. Se estabelece uma relação de proposta e resposta de ambos os lados e cabe ao mediador se equilibrar nessa corda bamba. É puro estado de jogo. E nesse estado de jogo, Layla relata como também foi importante a experiência que adquiriu com a improvisação.



Em contação de história na exposição "Marc Chagall: Sonho de Amor, acervo pessoal

"Eu acho que eu me entendi muito como artista aqui em muitas questões. Desde, por exemplo as ações cênicas que tínhamos muita troca de elenco e isso é uma coisa que sempre me disseram "Vai chegar uma hora que você vai trabalhar profissionalmente e não vai ser um grupo de amigos de teatro, vai ser trabalho, vai ter gente que você não vai ter ensaiado e vai chegar na hora e vai sem ensaiar. Foi uma grande experiência profissional como atriz que eu achei legal considerar.

Nas visitas é um personagem. Não que eu me veja como um personagem, mas por exemplo na das "mulheres ricas" eu me torno uma "jovem estudante de arte", pros adolescentes eu sou cool, descolada, manjo de todas as gírias. Ainda sou eu fazendo isso, mas eu tenho esse cuidado de dialogar. Fora as questões da visita. Em nenhuma "Visita" eu tinha um roteiro

muito certo, em muitas situações eu ao encontro com o improviso.

As nossas histórias na hora do conto, nossa! Eu aprendi muito com você sobre o improviso mesmo. As minhas coisas na faculdade hoje são muito diferentes, antes eu era muito preocupada de ter que ensaiar muitas coisas. E não que não seja importante ensaiar, mas que no meio de uma correria eu consigo entregar. Isso mudou uma chavinha muito boa, me transformou muito como artista.

Esses pequenos episódios do cotidiano da mediação, somados ao valor sentimental de cada memória, me trazem a princípio um aspecto de reflexão. Esse “personagem”, citando o relato de Layla, é o que define o estado de jogo. Um pingue-pongue entre o educador-mediador e o visitante. O ato pedagógico de criar um universo lúdico e ao mesmo tempo crítico para levantar as questões do universo daquelas obras de arte é um jogo de corda bamba. Lidar com cada camada artística da exposição e o multiverso de visitantes requer estratégias que muitas vezes estão ligadas à energia vibrante da prontidão do jogo (RYNGAERT, 2009 p.55).

Interlúdio: *Sometimes antisocial, always antifascist.*

Quero retomar a temática do elemento X citado no começo do texto, antes de ir para o próximo eixo.

Atualmente, a questão da saúde mental vem ganhando mais foco nas discussões sociais. Segundo dados de 2022⁷, cerca de 86% dos brasileiros sofrem com transtornos como ansiedade e depressão. Esse fato pode estar ligado a diversos cenários, mas o que aparenta ser mais abrangente é a realidade sociopolítica a qual estamos inseridos. A reincidência de um pensamento conservador e fascista, uma natureza que grita por ajuda, cenários de guerra cada vez mais normalizados, uma geração marcada por uma difícil crise sanitária causando o trauma de uma

⁷ Disponível em:

<https://www.gov.br/ebserh/pt-br/comunicacao/noticias/acoes-realizadas-pela-rede-ebserh-mec-busca-m-conscientizar-sobre-a-importancia-da-saude-mental>

pandemia. Fatores como esse abalam a relação com a sociedade. Sei que é um ideal pessimista, mas não tem como tapar o sol com a peneira.

Eu particularmente, me considerando uma pessoa realista, sinto que, influenciado pela realidade, é difícil manter um sonho vivo. É difícil respirar no meio de tanta névoa escura. Pensar a educação como fonte de futuro, de luz é pensar também de maneira otimista. Mais ainda, acreditar na arte como plataforma de expressão para esses dois lados da moeda,

O termo “bateria social” foi altamente popularizado atualmente para metaforizar a capacidade de interação de um indivíduo com as outras pessoas. Dentro desse contexto, muitas vezes me vi de bateria social baixa, sem capacidade de me relacionar e estabelecer trocas suficientes. Mas então, como é possível estabelecer esse eixo de experiências através da mediação me considerando em muitos aspectos antisocial? Às vezes alguns episódios da vida nos fazem refletir sobre a relação interpessoal e essa experiência no Programa me trouxe muitos episódios desse acaso e como podemos aprender com isso.

A partir daqui, relato algumas observações que sinto que estavam dentro da minha pesquisa desde o início, mas investigando com certo olhar poético percebi o encaixe com a temática da troca.

Eixo 2: Memória

Episódio 4: Enxergar para além dos olhos

Um dos desafios da mediação de artes visuais em museus e centros culturais é de fato a relação com a acessibilidade. Uma experiência que me causou bastante impacto foi já no fim do Programa, com a exposição “DRIFT”, quando a equipe do Educativo ficou responsável em apresentar alguns objetos relacionais de algumas obras.

Tratava-se de uma tentativa de aproximar o público que dialoga com as obras através da ativação pelo toque, as PCD (pessoa com deficiência) e também as pessoas dentro do espectro altista. Foram produzidos alguns objetos autômatos e/ou sensoriais que funcionavam como réplicas de algumas obras como a “Shylight”, “EGO” e “Amplitude”. Este último era um dos mais procurados pela curiosidade da mecânica do movimento. Ao mexer uma manivela, as hastes moviam

os braços para imitar o movimento de ondulação da obra, onde os visitantes podiam ter acesso à estrutura visual da obra através do tato.



Em mediação com objeto relacional da obra “Amplitude”, do DRIFT

Os objetos tiveram seu desejado alcance, mas com isso, fui escolhido pela equipe para estar à frente dessa interação e tive a chance de realizar duas visitas mediadas para duas pessoas com deficiência visual. Um rapaz com baixa visão e outro com cegueira total.

Essas visitas me lançaram para um desafio grandioso da mediação, realizar uma visita por obras totalmente visuais, realizando uma descrição completa de cada obra.

A primeira experiência foi com Rafael (nome fictício), um rapaz com cegueira total que estava acompanhado de dois amigos videntes. A princípio tive muito auxílio dos amigos do rapaz que já tinham mais afinidade com as abordagens e sensibilidades dele. Me lembro de um momento na obra Shylight (uma obra que consiste basicamente em flores mecânicas feitas de tecido de seda que despencam do teto penduradas por um cabo retrátil, fazendo um balé coordenado com uma música), Rafael perceber que a medida que cada flor chegava perto, sentia o ar se mover em seu rosto. Ele perguntava como era a forma das flores, a cor, a textura.

Depois me fazia perguntas a respeito do ambiente, onde eu o levava para tatear a estrutura antiga dos gradis, do elevador pantográfico. Também descrevendo os detalhes arquitetônicos do prédio histórico. Além disso tudo, tentar passar a profundidade de cada obra, escolhendo de forma poética e questionadora, as palavras que possam expressar de maneira mais fiel para um visitante que não enxerga com os olhos, as ideias que as obras podem provocar.

A outra visita em destaque foi com um artista cênico com baixa visão chamado César (nome também fictício), desta vez apenas nós dois em visita. Passei por todas as obras com César que, junto comigo, foi dando dicas de aperfeiçoamento para a descrição das obras. Especificações de altura, quantidade aproximada, tipos e tamanhos dos materiais utilizados em cada obra fazem a diferença.

O desafio maior foi relacionar com a complexa obra chamada EGO (uma estrutura feita de fios finos de nylon formando um paralelepípedo suspenso no ar, que de tempo em tempo, era movido pela robótica ligada a suas vértices, fazendo-o dançar com uma música de piano e harpa).

A poética da obra pedia um momento de contemplação mais elaborado. A estrutura levemente invisível, lembrando uma teia de aranha, pendurada na altura da face que em seguida despencava no chão, se reestruturando aos poucos, como se ganhasse vida na nossa frente. Toda aquela dança de formas geométricas moldáveis e suscetíveis a reconstrução, toda essa poética assinada com o nome de “ego”. Quando eu tentava passar essa possível leitura, somada à descrição da obra, César ficava atônito. Sentou-se em um dos bancos para a fruição da sessão de Ego, depois me disse o tamanho do desafio que era mediar aquela obra somente para pessoas videntes, ainda mais para pessoas não videntes ou de baixa visão. Me disse que era uma viagem quase astral.

Essas duas visitas aconteceram no intervalo de dois dias. Quando me lembro delas, lembro também da exaustão que tive no final. Foi de fato a experiência mais desafiadora que tive no Programa, mas me lembro que no caminho até o metrô, gravei um áudio para mim mesmo, onde pude chorar o cansaço que sentia. Um cansaço que ia além do trabalho de mediação, era uma sensação de orgulho. Foi endereçada a mim uma confiança de fazer aquela ponte de uma maneira que eu mesmo duvidei se conseguia. Com a troca com César e Rafael, aprendi a enxergar além dos meus olhos e além dos meus limites. Nunca pensei que daria conta de tamanha responsabilidade, traduzir sensações, texturas, formas, somente para que o outro pudesse ter a experiência da arte e vivenciá-la à sua maneira.



Em mediação e audiodescrição na obra “EGO” do DRIFT.

Episódio 5: Isso me lembra... vinhos!

Este episódio é sobre um momento de epifania que um dos educadores do Programa teve com um visitante.

Vicente (nome fictício) era um dos estagiários mais novos da casa, entrou quase no fim do período vigente do Programa. Era também, um dos únicos vindos do curso de bacharelado, diferentemente do restante que cursava licenciatura.

Vicente me relata que a primeira visita que pode acompanhar com sua vinda, como uma espécie de treinamento, foi uma minha. Ele percebeu minhas perguntas de acolhimento que funcionam como uma tratativa de intimidade e conforto:

A primeira visita que eu fiz, que foi apoio, foi de uma visita sua. Do Chagall. Eu fiquei meio encantado porque eu estava meio assustado né? E o que me chamou muito a atenção na sua visita foi essa intimidade mesmo. De perguntar pra pessoa: "O que você trabalha?" "O que gostaria de trabalhar?", "Já veio aqui antes?" "Tem sonhos? Acredita no amor?"... sabe? Essas perguntas pra você entrar mesmo no universo da pessoa e quebrar essa ideia de "Eu estou aqui pra te falar alguma coisa".

Eu sou uma das poucas pessoas que veio do bacharelado. Mediação é uma parada muito daora, ter essa experiência de troca, de conversa e menos isso de "estou te passando um conteúdo". Foi muito daora, foi algo que eu gostei de fazer.

O relato principal que Vicente me traz é de uma visita realizada também na exposição "DRIFT" com uma visitante chef de cozinha. Seu relato me surpreendeu principalmente pela maneira com que a leitura em questão que a visitante fez de uma das obras deixou Vicente pensativo:

"...Fui explicando essa ideia, reutilização, como essa tecnologia não imita a natureza, mas ajuda a enaltecer coisas que a natureza faz. Chegamos na Amplitude, uma das últimas obras que eu passo no meu percurso. E a gente chegou já nesse estado de contemplação. Quando eu chego na Amplitude eu já chego nessa tecnologia que lembra o nosso corpo, chego nesse ponto de falar que nós também somos parte da natureza, deste organismo e de que esse negócio do movimento universal do infinito...

Lembrando que o que a obra “Amplitude” também sugere é a respeito desse padrão universal que acaba interligando os seres vivos num só ecossistema. Anteriormente vimos um dado que eu costumava trazer nessa obra sobre a “curva de Fibonacci”.

“E ela virou pra mim e falou: ‘Nossa, isso me lembra vinhos! Quando a gente tá servindo vinhos pras pessoas, a gente tem que desligar, esquecer tudo que a gente tá fazendo. Porque os vinhos são muito parecidos mas eles têm particularidades muito pequenas. Se você for vendo a pessoa desde que ela chega no restaurante, como ela senta, o que ela pede, se ela tá ansiosa, se ela tem tempo pra passar lá... daí você já vai anotando o vinho que ela vai querer. Você já vai montando ali antes mesmo dela pedir. Pode ter certeza que no final ela vai virar pra você e falar “Que vinho você me indica?”

Ela falou desse estado de parar para contemplar a pessoa que vai lá, começou a falar da mediação quando ela está atendendo o público dela. Fazendo essa assimilação entre esse estado de contemplação que eu como mediador acabo entrando também porque eu me entrego e ela trazendo esse do dela “é o que eu gosto de fazer” “Eu acolho essas pessoas, vejo o que ela vai querer beber, comer...”

Como é importante esse acolhimento dessa pessoa no restaurante até você chegar no vinho, que é o final que ela vai tomar a taça de vinho, contemplar a noite e vai embora.

Vicente me conta que se sentiu atravessado pela leitura empática e acolhedora da visitante. Me disse que se deixasse, ficaria horas conversando com a moça, talvez tomando um vinho. Essa interação entre seres humanos proporcionada pela leitura de uma obra de arte é um trunfo da mediação.

Eu digo a Vicente como é incrível o que uma simples conversa na mediação pode fazer com os dois interlocutores. Ele com o ponto de vista dele, ela com a reflexão dela, ambos conectados e modificados por eles mesmos.

Episódio 6: Se olhem e percebam a magia

Quando Vicente me relatou o episódio para minha pesquisa, pude comentar também sobre uma dinâmica que adotei em algumas visitas da exposição “Playmode”. A exposição em si buscava relacionar tecnologia e jogos digitais com temas cruéis da sociedade contemporânea, tendo nela algumas obras “jogáveis” onde o visitante era convidado a refletir sobre temas como guerra, infância perdida, imperialismo, regimes escravocratas e também a relação com as pessoas. Uma das obras intitulada “*The Artist is Present*” da artista neozelandesa Pippin Barr consiste em um vídeo game que faz referência à performance de Marina Abramovic de mesmo nome. No game, o visitante pode controlar um avatar que precisa visitar o MoMA (Museum of Modern Art) para assistir à performance de Marina. Passando por todas as etapas da maneira mais real possível: esperando o museu abrir, comprando ingresso, esperando sua vez na fila para ficar frente a frente por alguns minutos com a artista sérvia.

Diante dessa atmosfera de crítica social que o próprio *leitmotiv*⁸ da exposição trazia, muitas visitas tinham um aspecto negativo causado pelos dados de realidade, mas nesta obra em específico, ao contextualizar um pouco sobre a performance de Marina, eu convidava o público a se olhar. Se olhar mesmo, se perceber no espaço, reparar nas outras pessoas desconhecidas, nos funcionários do museu presentes na galeria, no mediador que falava, naquele outro visitante no fim da sala, no que está ao lado mas é desconhecido.

As reações eram sempre de nervosismo a princípio, mas no final, as respostas que eu ganhava eram sempre de ressaltar a importância de se viver no real, no presente, na conexão. Eu dizia aos meus visitantes o tanto que podia ser dito através do olhar, e também o tanto que era importante perceber o outro, como exercício de empatia. Recebi também muitas lágrimas de emoção nessa dinâmica. Era plenamente satisfatório saber que algumas poucas palavras trocadas naqueles momentos surtiam efeito imediato de reflexão.

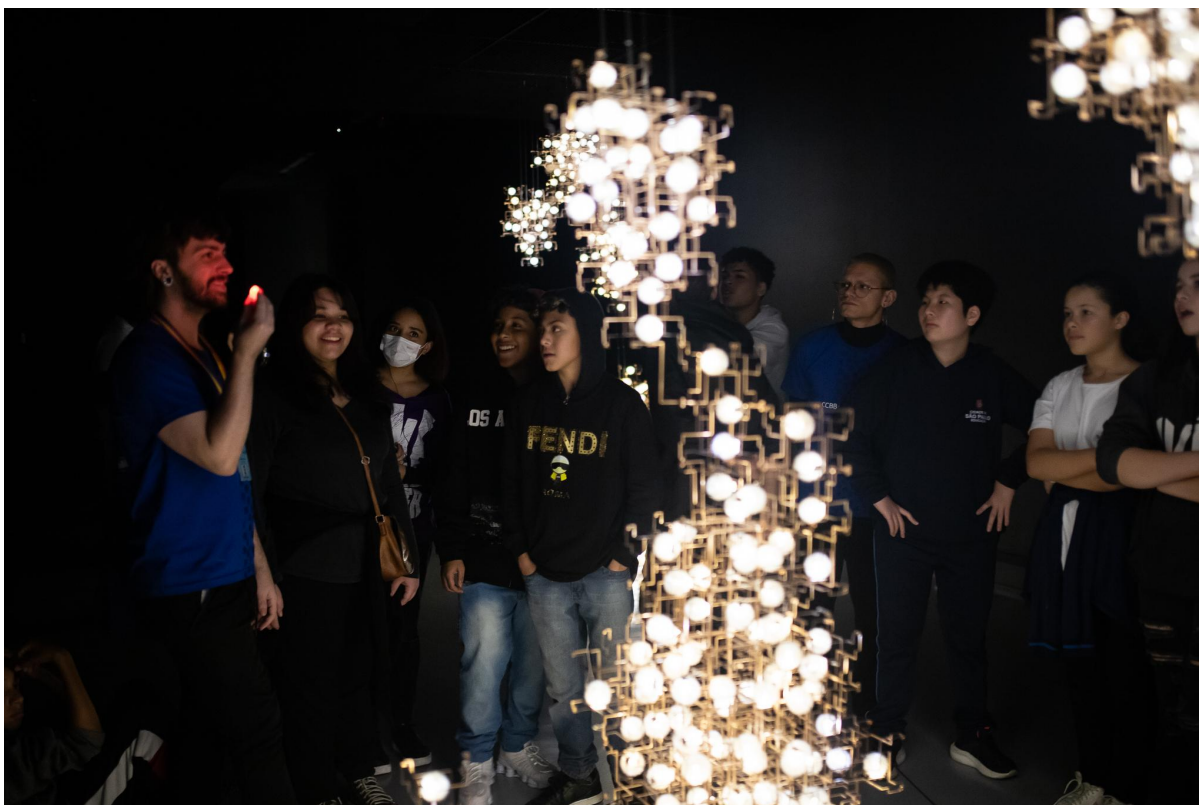
Já numa outra dinâmica que pude fazer na obra “*Fragile Future*” da exposição “DRIFT”, aproveitei o artifício da mágica para trazer um pouco mais de encanto à

⁸ Termo que pode ser traduzido como “motivo condutor”. Um tema ou ideia que acompanha todo o trajeto de uma obra.

experiência. A obra em questão consiste numa estrutura feita de lâmpadas de led cobertas de sementes de dente-de-leão (cerca de quinze mil!) que se seguram numa estrutura de cobre espalhadas por uma galeria preta e escura. O encanto aos olhos é imediato ao perceber aquela estrutura de flores cibernéticas acesas quase flutuando pelo ar.

Quando eu passava por essa obra, eu trazia de antes toda uma ideia de metamorfose que os artistas de DRIFT propunham com as obras. Natureza+Tecnologia para fazer a sociedade voltar ao encanto natural do ecossistema. Então, ao chegar nesta obra, eu procurava trazer a crença popular que existe acerca da flor dente-de-leão, segundo a qual soprá-la e fazer um pedido, você emana energias positivas ao universo, podendo ter aquilo que desejou. Dizendo isso, eu também trazia uma referência literária da escrita pessimista de Franz Kafka em “A Metamorfose”. Narrava brevemente a história de Gregor Samsa e como todos nós podemos ter alguns dias que acreditamos ser um “inseto asqueroso”. Mas era só Samsa ter um dente-de-leão... Era nesse momento que eu fazia um truque de mágica, puxando uma das luzes da obra para meus dedos, brincando com as pontas dos polegares mágicos e acesos...

Era uma ação performativa simples, mas que associada à mediação da obra, trazia uma outra possível leitura e também provocava algumas lágrimas de reflexão. Era como se dissesse que podíamos todos ter um dia de barata, mas que definitivamente poderíamos ter um dia de borboleta. Transformada. Inspirada. Metamorfoseada.



Dinâmica mágica na mediação da obra *"Fragile Future"*, do DRIFT.

Episódio 7: Amor

A exposição do artista judeu Marc Chagall foi de fato apaixonante. Falar sobre sua abordagem colorida de sonho, amor e fantasia em suas telas causava uma grande procura pelas visitas.

Mas além dessa atividade, o Programa também se dedicou a algumas ações cênicas para abordar a poética do artista. Algumas dessas atividades se chamavam pílulas cênicas, que consistiam em algumas poesias declamadas pelos corredores do prédio durante as visitas. A partir disso, decidi criar uma pílula performática ligada à temática do amor, intitulada por mim de "Amores Costurados", onde eu me vestia com uma máscara de burro (ou coelho? "Burrelho") e costurava um coração de feltro, seguido pela interpretação do poema "Necrológio dos desiludidos do amor" do poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade.



O episódio em questão vem de uma reação peculiar à minha performance vinda de uma criança que visitava o espaço.

Enquanto a figura completava o ato da costura, uma colega educadora passeava pelo prédio com um grupo de crianças para a visita mediada. Foi quando, pelo encanto do local, uma criança veio correndo até o gradil para olhar pra baixo, atraindo outras tantas crianças. Nesse momento uma delas, ao perceber a figura em questão, aponta pra mim e diz: “O que é aquilo?!”. Na hora, congelei por alguns segundos. Não sabia se interagia com elas ou se qualquer movimento a mais atrapalharia a condução do percurso da minha colega. Mas aquelas palavras haviam me atingido diferente. Eu, com minhas questões internas e existenciais, vestido com minha *skin* de artista, concentrado para conduzir a performance e lembrar as palavras do texto. Eu com todas minhas dinâmicas, anedotas e angústias, fui desmontado pela simples existência de ser “aquilo”. Eu não era quem, eu era aquilo. Para o público, ou melhor ainda, para uma criança, bastava ser a figura. Eu me resumia à minha arte.

Se era verdadeiro ou não, talento, dedicação, habilidade. Nada disso realmente importava. Apenas a essência validava a existência. Ser “aquilo”, para um artista, é muito mais atraente do que ser “quem”.



Foto da performance Amores Costurados para a série “Amor” de Karina Motoda

Episódio 8: Passado

Por fim, um episódio que marcou muito minha trajetória no Programa, reescrita aqui na íntegra a partir do meu diário de bordo:

Eu estava realizando uma visita mediada patrimonial para uma escola pública com cerca de 10 alunos entre 8 e 13 anos. Passeando pelos corredores do prédio eu explicava sobre a arquitetura da construção e histórias dos lugares.

Em visitas mediadas é muito comum visitantes alheios ouvirem e se aproximarem para participar. Muita gente não conhece o trabalho de mediação. Foi quando notei que uma mulher tinha uma figura que destoava, me chamando muita atenção. Ela era baixa, negra, aparentava ter uns 65 anos de idade. Usava um vestido longo verde sem mangas mas num modelo muito elegante.

Usava também um grande chapéu e um colar que imitava pérolas. Ela parecia uma mulher do passado, dos anos 50/60, olhava o prédio com um brilho nos olhos que poucas vezes reparei em visitantes. Passeava devagar e observando cada detalhe.

Resolvi levar meu grupo para conhecer o foyer do teatro para que observassem os prédios na grande janela de vidro. Foi quando essa mulher fez contato visual comigo, eu sorri, ela se aproximou e me perguntou: "Será que eu posso acompanhar vocês?" Foi nesse momento que reparei algo peculiar: aquela mulher só tinha 4 dentes na boca. Sorrindo, respondi "Claro! O que tá rolando é uma visita mediada. Eu acompanho os visitantes pelo prédio explicando um pouco mais sobre a história do local. Fique à vontade para acompanhar!"

A mulher ficou menos tímida mas ainda assim muito encantada. Agradeceu com a cabeça e foi até a janela observar.

Depois voltou e me perguntou o nome: "Eu me chamo Gustavo, e você?", "Emília", respondeu.

Depois, a mulher me abordou enquanto as crianças olhavam a paisagem: "Sabe, quando eu tinha a idade dessas crianças, eu morava aqui, na rua. Dormia por essas calçadas e sempre passava aqui na frente. Eu tentava entrar pra ver como era porque tinha muita curiosidade, mas os seguranças sempre me expulsavam. Essa é a primeira vez que eu estou conhecendo esse prédio por dentro."

Na mesma hora, senti um imenso arrepio. Meus olhos se encheram de lágrimas mas me controlei. O que eu pude fazer foi incentivá-la a continuar junto do grupo. Disse que entendia sua situação e que ela era sempre bem vinda. O centro cultural é aberto ao público e as exposições de arte são sempre gratuitas. Ela agradeceu e continuou até o final da visita.

Depois disso, eu fui até a escada de incêndio pra chorar.

Este episódio aconteceu (coincidentemente?) no foyer do teatro e me fez lembrar de um antigo professor de interpretação que dizia pra nossa turma: "Toda vez que entrar em cena, lembre-se

de que tem alguém na platéia vindo pela primeira vez ao teatro, mas também tem alguém vindo pela última vez.”

O CCBB de São Paulo fica no coração do centro da cidade. Numa região onde as ruas são imensas calçadas de pedras portuguesas rodeadas de prédios históricos. A realidade das pessoas em situação de rua nos atravessa de maneira esmagadora naquela região. O Centro Cultural é aberto ao público de maneira gratuita. Mas qual público?

Epílogo: formação e transformação

A arte, como linguagem aguçadora dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos por nenhum outro tipo de linguagem, como a discursiva e a científica. O descompromisso da arte com a rigidez dos julgamentos que se limitam a decidir o que é certo e o que é errado estimula o comportamento exploratório, válvula propulsora do desejo de aprendizagem. Por meio da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2009)

Bater na tecla da mediação como ponte entre povos e culturas é algo já premeditado e por isso já passou do clichê, embora ainda seja válido. Mas aqueles que caminham por essa ponte, buscam ampliar a rede do saber. Estabelecem conexões com os semelhantes ao seu redor para fortalecer cada tijolo dessa empreitada. A troca é uma ferramenta para o desenvolvimento de saberes, a construção de afetos e criação de memórias.

Cada pequeno conhecimento coletado pelo caminho, cada episódio memorável dentro do percurso da vida é como uma conquista desbloqueada⁹, um selo obtido, uma figurinha adquirida. O álbum é esse caminho que percorremos. É uma eterna busca pelo aprender, pelo conhecer. Para um educador, é a pesquisa sem fim de novas maneiras, novas brincadeiras, gerando no outro uma possibilidade de desenvolvimento, autoconhecimento, amadurecimento. E isso faz de mim um colecionador de saberes, de experiências, de memórias.

⁹ Mais uma expressão do universo do videogame: quando se faz algo importante na história do jogo, ganha-se um troféu, valendo pontos e gerando engajamento.

Não sei que magia é essa que a mediação tem. Não sei nem se vem da mediação. Mas com essas experiências de trocas humanas pode-se perceber a beleza do aprendizado.

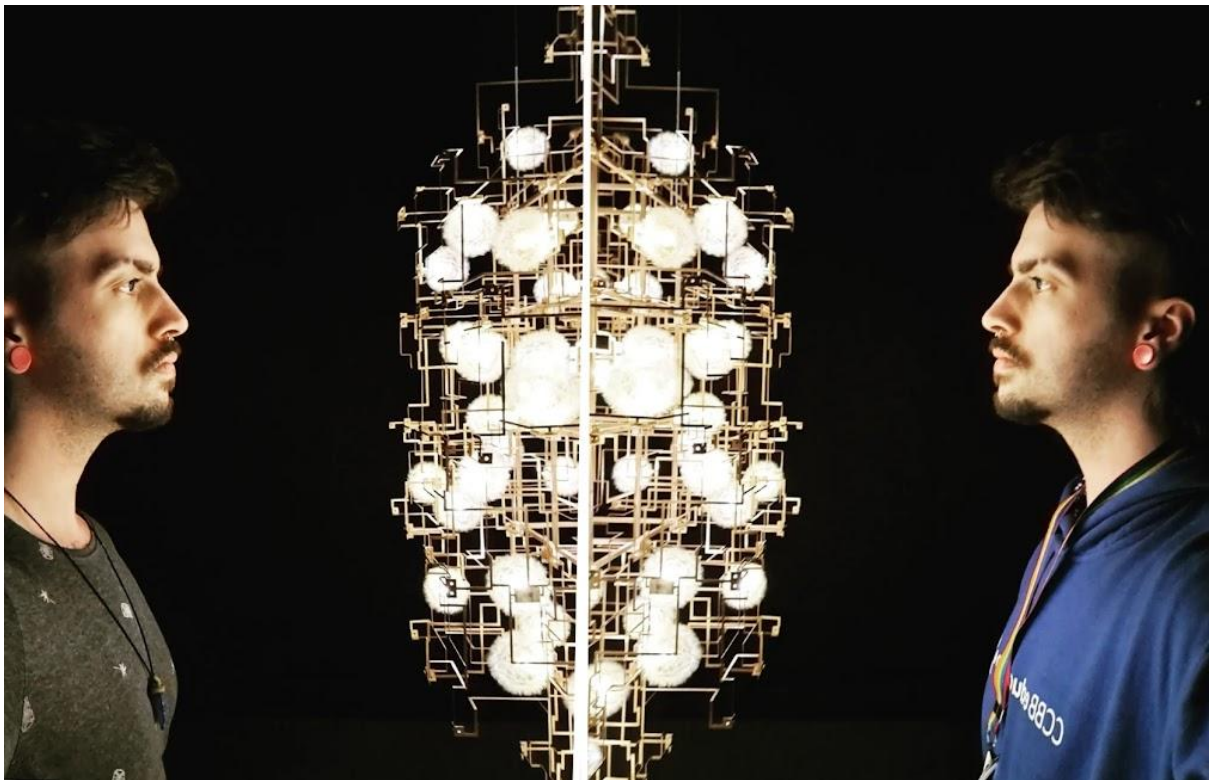
Foi de frente com essas sensações que eu lidei com a mediação e a posição que cabe a ela dentro das relações interpessoais. E embora ainda seja difícil manter uma bateria social que não descarregue totalmente na esfera do trabalho, vejo que ainda há esperança de manter viva uma relação com as pessoas. São elas que protagonizam as memórias.

Passar por essa experiência me fez perceber o grau de importância dessas relações. O processo de construção é longo e eu ainda não me vejo construído, e que bom! Pois o que traz sentido é a construção, a pergunta, a curiosidade. Ser artista é estar sempre em dúvida. Ser educador é estar sempre em busca.

O que fica aqui é o meu anseio de não rendição a uma realidade atormentada. O que eles querem é nos ver enfraquecidos pela separação, confundidos pela alienação, distorcidos pelas circunstâncias. Mas é dela, essa realidade, que tiro vontade de movimentar esse jogo e recriar uma nova vontade de lutar contra essa escuridão.

Sinto que às vezes me vejo como uma fonte da juventude. Um poço dos desejos. Um filtro ou portal da realidade. Como se fosse uma cortina fina onde tudo me atravessa. Cada minuto do dia passa por mim, cada raio de luz, cada olhar, cada pessoa. E eu me lembro de muita coisa.

A questão da saúde mental na sociedade é pungente, mas parafraseando um grande mestre de vida: “viver é urgente”. E como um ciclo que se fecha, senti que precisava trazer como isso me atravessava na condução dessa pesquisa. Quanto a mim, depois de anos de terapia entendi que ser a fonte da juventude às vezes é cansativo. Vem daí um vontade de isolamento, de recusa da realidade. desejo de reclusão. O cansaço da sociedade às vezes envenena qualquer pensamento. Mas esse não é o ponto, é apenas uma vírgula. Gregor Samsa não acorda de sonhos inquietos e se vê metamorfoseado num inseto asqueroso simplesmente por nada. O ponto é o que fazer com isso.



Sei da força da canção, eu sei
Lutar com o coração, eu sei
Parece uma ilusão, mas sei
Que não ando sozinho não
É como olhar pro sol, eu sei
A força vem de dentro, eu sei
Parece uma ilusão, mas sei
Que não me rendo não.

DISTOPIA - canção de *Planet Hemp*

Referências

BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

_____. **Tópico Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998. 200p.: 33il. p&b - (Arte & Ensino). ISBN: 978-85-87073-55-6

COSTA, S. L.; OLIVEIRA, S. W.; FARIAS, S. M. I. **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?**. Teoria e Prática da Educação, v. 24, n.3, p. 221-225, Setembro/Dezembro 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/tpe.v24i3.59742>. Acesso em out. 2023.

EMICIDA. **Cananéia, Iguape e Ilha Comprida**. In: AmarELO. São Paulo: Sony Music, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j03Y6Ej3YVw>. Acesso em: 10 out. 2023.

HEMP, Planet. **DISTOPIA**. In: JARDINEIROS. Rio de Janeiro: Som Livre, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ipfOkvsDTF8>. Acesso em: 10 out. 2023.

ERLICH, Leandro: **A Tensão** / organização Arte A – Produções; [curadoria Marcello Dantas; tradução Gabriela Fellet]. – Rio de Janeiro: Arte A Produções, 2022. – Belo Horizonte, MG: Centro Cultural Banco do Brasil, 2021

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 73ª ed - Rio de Janeiro/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997-2022.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. - 2 ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, Representar**. - 1 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2009.